

Cenário

Crise vai testar capacidade do BC

Mercado critica ações do Banco Central para proteger o País dos efeitos da turbulência na economia global

São Paulo - A capacidade do Banco Central (BC) de proteger a economia brasileira contra choques externos vol-

0,5

ponto porcentual foi a alta dos juros do País pelo BC pouco antes quebra do Lehman Brothers, em 2008

tou a ser posta à prova, três anos depois da quebra do banco americano Lehman Brothers e do início da crise eco-

nômica prolongada em que o mundo mergulhou em setembro de 2008.

Ainda não há sinais fortes de contágio no País, mas ninguém duvida de que o Brasil será afetado de alguma maneira pelos problemas nas economias mais avançadas.

Como há três anos, o BC tem sido criticado por economistas que discordam da sua estratégia para lidar com a crise. Mas a forma como a autoridade monetária reagiu aos riscos oferecidos pelo cenário externo atual contrasta com o que ela fez em 2008.

Depois da falência do Lehman, em 15 de setembro de

2008, o choque chegou ao Brasil com alta velocidade, principalmente pelo canal financeiro. A Bolsa despencou e a cotação do dólar disparou.

O BC elevou os juros pouco antes da quebra do Lehman 0,5 ponto porcentual quando parecia claro que o mundo caminhava para uma crise. Mas preferiu mantê-los estáveis até janeiro de 2009, quando os sinais de que o país estava perto da recessão ficaram evidentes.

O BC estava preocupado com a inflação, que estava muito alta, e foi criticado principalmente por economistas da chamada corrente desen-

volvimentista, para quem o BC sacrificou o crescimento do país para preservar a estabilidade de preços.

"O BC errou em 2008", diz o economista Fernando Cardim, da UFRJ. "Estava claro que a economia doméstica seria afetada e o excesso de cautela tirou flexibilidade da política econômica depois."

Os países desenvolvidos até hoje não se recuperaram completamente do choque de 2008 e nos últimos meses a crise ganhou novos contornos, com as dificuldades que os EUA e vários países da Europa encontram para corrigir seus

A economia brasileira continua crescendo, mas devagar, ao contrário do que se via em setembro de 2008, quando o país estava crescendo com vigor. Como naquela época, a inflação está alta.

Mas desta vez o Banco Central decidiu se prevenir contra a possibilidade de um agravamento da crise externa e na semana passada cortou a taxa básica de juros da economia de 12,5% para 12%.

Foi alvo de nova saraivada de críticas, agora da corrente de economistas ortodoxos. Para eles, o BC pôs em risco a estabilidade da economia ao defender o crescimento. (FP)

Impacto divide analistas

Críticos e defensores da recente decisão do Banco Central de reduzir a taxa básica de juros concordam que a crise externa afetará de alguma forma a economia brasileira, mas enfatizam aspectos diferentes da conjuntura atual ao compará-la com a observada em 2008.

O primeiro grupo resalta que o impacto da crise atual ainda não está muito claro, embora os fatores que têm contribuído para a alta da inflação permaneçam no ar. Reajustes salariais acima da inflação como continuam sendo uma fonte de preocupação importante.

O aumento do salário mínimo já contratado para 2012 (acima de 13%) também é citado como risco para a inflação, já que ajudará a manter a demanda aquecida e influenciará correções de outros preços na economia.

Um ponto de concordância é que será preciso esperar alguns meses até que fique claro se a decisão do BC de reduzir juros agora foi acertada ou não. (FP)